ARQUEOLOGIA NO ESTADO DE SÃO PAULO: O SÍTIO TURVO

Fernando ZAMORA FAVARELLI[*]

Neide BARROCÁ FACCIO[**]

Juliana Aparecida ROCHA LUZ[***]

Resumo: Este artigo foi escrito com base no Relatório Final do Projeto de Iniciação Científica intitulado "A Arqueologia no Estado de São Paulo: Sítio Turvo". O Sítio Arqueológico Turvo faz parte de um complexo de cinco sítios arqueológicos localizados no Município de Cardoso, norte do Estado de São Paulo. Foram coletados 1.338 fragmentos cerâmicos e 37 líticos, os quais foram levados para laboratório e analisados. Após análise técnica e estudo bibliográfico, chegou-se a conclusão de que aquela área foi ocupada por indígenas pertencentes a Tradição Aratu, caracterizada, entre outros, por sua cerâmica simples e sem decoração. A Tradição Aratu foi evidenciada por Valentin Calderón no Recôncavo Baiano e se estendeu por boa porção do território brasileiro, desde o Maranhão, passando pelo Mato Grosso até o norte do Estado de São Paulo.
Palavras-chave: Arqueologia, Sítio Turvo, cerâmica Aratu.

Abstract: This article was wrote based on a Scientifically Project Final Report entitled "Archeology in São Paulo`s State: Turvo Site". Turvo Archeology Site is part of a complex of five archeology sites located in Cardoso city, north of São Paulo State. There, it was collected 1.338 ceramic fragments and 37 lithic who were taken to the lab where it was analyzed. After the technical analysis added to a bibliographical study, was concluded that that area was occupied by indigenes of Aratu Tradition, characterized for your simple ceramic, no decoration on that etc. Aratu Tradition was evidenced by Valentin Canderón in the Bahia and went on a large portion of

[*] Graduando em Geografia da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Faculdade de Ciência e Tecnologia, Campus de Presidente Prudente – SP e integrante do LAG - Laboratório de Arqueologia Guarani. E-mail: fernando.favarelli@hotmail.com

[**] Prof[a]. Dr[a]. da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Faculdade de Ciência e Tecnologia, Campus de Presidente Prudente – SP e coordenadora do LAG - Laboratório de Arqueologia Guarani. E-mail: nfaccio@terra.com.br

[***] Mestre em Arqueologia. Pesquisadora do Laboratório de Arqueologia Guarani da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Faculdade de Ciência e Tecnologia, Campus de Presidente Prudente – SP. E-mail: juliluzz@yahoo.com.br

the Brazilian territory, from Maranhão, Mato Grosso until passing through the northern state of São Paulo. This project also had for the initiative the Patrimonial Education at the public schools and the research divulgation in congress and other events.
Key-words: Archeology, Turvo Site, Aratu Ceramic.

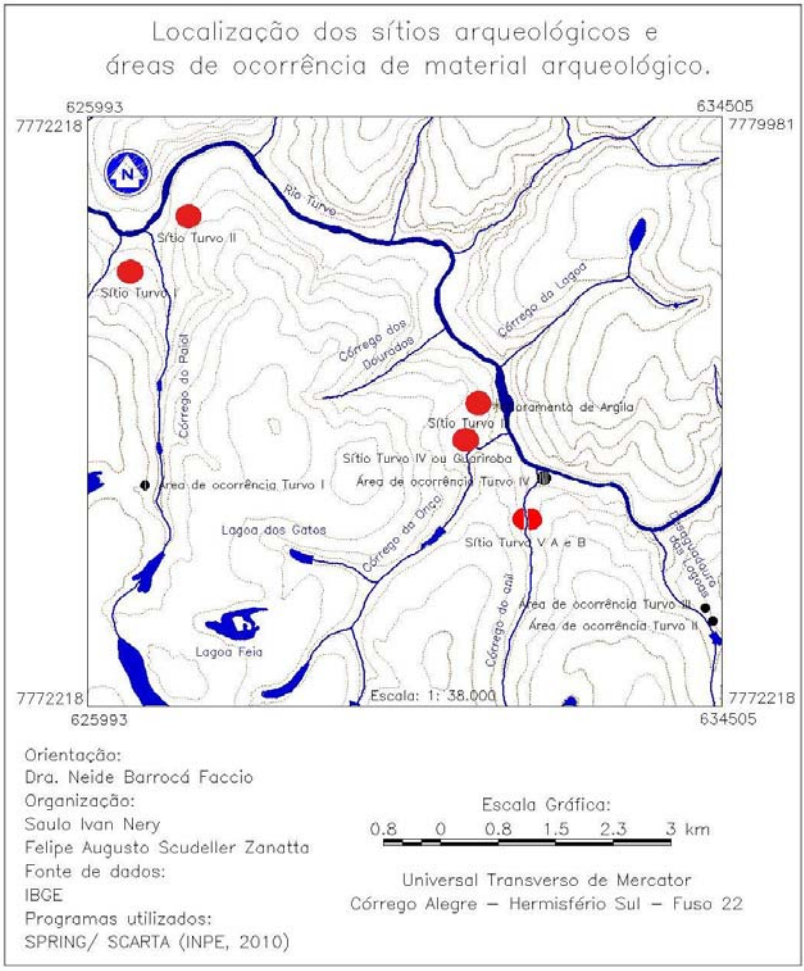
1. INTRODUÇÃO

O presente artigo[1] teve por objetivo estudar a variabilidade da cerâmica do Sítio Arqueológico Turvo, a fim de identificar a tradição arqueológica e o grupo indígena que a confeccionou e, a partir dos resultados, fazer inferências a respeito desse grupo na sua relação com o meio ambiente.

O Sítio Arqueológico Turvo faz parte de um complexo de cinco sítios. Localizado no Município de Cardoso, no norte do Estado de São Paulo, o Sítio Arqueológico Turvo fica próximo a vertente do Rio Turvo, que pertence a Bacia Hidrográfica do Turvo/Grande (Figura 1 e Mapa 1). Essa bacia hidrográfica localiza-se no Planalto Central Paulista e é caracterizada pelo seu relevo monótono, levemente ondulado, de colinas e morrotes.

Figura 1: Localização dos sítios arqueológicos no Estado de São Paulo.
Digitalização: Marcel Nunes Ribeiro.

[1] O estudo foi realizado com o apoio logístico do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) no período de setembro de 2009 a setembro de 2010.



Mapa 1: Localização dos sítios arqueológicos e áreas de ocorrência de material arqueológico. Fonte: NERY (2010).

Trata-se de um sítio arqueológico de grande porte, possivelmente pertencente à Tradição Aratu. No sítio foi evidenciado material arqueológico em superfície e até 30 centímetros de profundidade. Foram evidenciados ainda materiais líticos e cerâmicos em grande quantidade.

Boa porção do sítio encontra-se dentro da área de plantio de cana-de-açúcar. Por causa da constante ação antrópica no local (causados pelo uso de arado e subsolador, por exemplo), o sítio arqueológico encontra-se num mal estado de conservação. Ainda assim, por meio da análise dos fragmentos ali recolhidos, foi possível a pesquisa sobre a variabilidade da cerâmica e do lítico lascado. Dessa forma, apresentamos um estudo preliminar do material que foi coletado, na área dos carreadores, nessa primeira etapa de campo.

2. EMBASAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Para que o estudo em tela pudesse ser desenvolvido, foi adotada uma metodologia que abrange tanto, a teoria, quanto a prática. Na teoria, trabalhamos com uma extensa bibliografia acerca dos assuntos aqui tratados. Na prática, realizamos a análise em laboratório de 1.338 fragmentos cerâmicos e de 37 líticos lascados.

No processo de busca de conhecimento do passado por meio dos vestígios deixados pelos índios que viveram no Estado de São Paulo, no período pré-colonial, um passo importante foi o desenvolvimento de métodos de análise dos materiais arqueológicos, evidências na cultura material.

Sabe-se que em cada pequeno objeto trabalhado, não importa de que material seja, há um pouco da história do homem e provavelmente uma resposta (ou parte dela) para um questionamento já feito.

Portanto, vemos, cada vez mais, a necessidade da utilização de métodos que se adéquem aos objetivos da pesquisa e contribuam para esclarecer o que se passou em tempo pretérito.

Uma das heranças mais ricas que temos hoje são os objetos de cerâmica confeccionados e amplamente utilizados por grupos indígenas. Entretanto, é importante enfatizar que cada grupo possui sua identidade, ou seja, no que se refere a cerâmica, cada grupo possui seu modo de fazer, decorar e utilizar.

Sob a perspectiva do conceito de cadeia operatória que aglutina toda a sequência produtiva e considera desde as matérias-primas até os instrumentos envolvidos nesse processo, é possível observar na pesquisa com esse enfoque, resultados coerentes.

Marcel Mauss foi o primeiro autor a elaborar e trabalhar com o conceito de cadeia operatória. Em seu livro “Manual de Etnografia”,

considera que o homem entra munido na história, tendo em vista que “desde que existe o homem, existe o utensílio” (MAUSS, 1972, p. 38).

Sendo assim, Mauss (1972) reforça que esses utensílios devem ser estudados, primeiramente, em si mesmos, depois em relação às pessoas que os utilizaram e por último, em relação à totalidade do sistema observado.

Viana (2005) relata que Mauss estaria mais preocupado com a análise do corpo, do que com a análise dos objetos e utensílios materiais confeccionados. Tendo em mente que, técnicas do corpo e técnicas instrumentais diferem. A técnica existe independente do instrumento, ou seja, antes das técnicas dos instrumentos, existe o conjunto de técnicas do corpo.

Em seu livro “O gesto e a palavra”, Leroi-Gourhan (1960) define a tecnicidade humana como uma verdadeira sintaxe que dá às séries operatórias a sua fixidez e sutileza, caracterizando o fenômeno evolutivo propriamente humano como a intersecção entre técnica e linguagem (FOGAÇA, 2001). Leroi-Gourhan dividiu o comportamento técnico do homem em três níveis: o nível específico, o nível sócio-étnico e o nível individual. No primeiro nível, o autor compara os seres humanos aos animais, com comportamento automático e instintivo, com base em sua tradição. No segundo nível, analisa a velocidade com que a coletividade evoluiu, levando em consideração a educação e a aquisição do comportamento operatório, por meio do aprendizado. No último nível trata da capacidade única de aprendizagem, que tem o ser humano, tornando-o capaz de se desligar dos laços genéticos e socioétnicos.

Existem ainda as cadeias operatórias maquinais que, para Fogaça (2001), formam a explicação das práticas cotidianas do ser humano. O autor relata que:

> As cadeias maquinais correspondem a programas operatórios adquiridos pela aprendizagem (comunicação verbal, imitação, ensaio e erro) desde a pré-adolescência e nos limites da etnia, da comunidade social (...) apenas em situações acidentais, imprevistas a consciência adquiri um papel preponderante, de par com a intervenção da linguagem, visando a readequação da cadeia operatória à nova situação (FOGAÇA, 2001, p.108).

A cadeia operatória é, para o autor, crucial para compreensão do ato de lascar a pedra, por exemplo. A esse respeito Fogaça (2001) escreve que:

> A adequação da ideia de cadeia operatória como ferramenta para a descrição e interpretação das atividades técnicas, em contextos etnográficos, depende substancialmente da definição de seus elementos essenciais, de unidades mínimas a partir das quais serão estabelecidos os critérios de limitação das diversas etapas constituintes, em graus variáveis de generalização (FOGAÇA, 2001, p. 110).

Concluindo assim que, numa análise mais generalizada, várias cadeias operatórias, quando articuladas, podem formar uma unidade básica de estudo, denominada por alguns autores como “processo técnico” ou “encaminhamento” (FOGAÇA, 2001, p. 110). Além disso, relacionando a etnologia e a arqueologia, com as cadeias operatórias, a distância que há entre as duas ciências pode ser vista por meio da intensidade de perdas de informação. A observação etnográfica tem por finalidade o objeto em seu contexto social, já a finalidade da interpretação arqueológica é o objeto a ser contextualizado.

No que diz respeito à produção cerâmica, Leroi-Gourhan descreve que o homem passa por três níveis de comportamento, ou seja, utiliza-se de uma cadeia operatória para confeccionar o vaso que tem em mente.

A confecção de um vaso, por exemplo, não está somente relacionado à necessidade do dia-a-dia ou de um ato simples e direto. Todo o processo de produção envolve uma visão cultural de costumes, identidade e finalidade.

A atividade é ensinada aos jovens pelos mais velhos e envolve bastante técnica e prática. São necessários argila e antiplástico matérias-primas adequadas para dar ao vaso a forma e a resistência desejada, sendo que a resistência também é dada pela queima.

Formas e decoração são dadas, de acordo com a finalidade para a qual o vaso está sendo confeccionado, mas também serve para identificar a aldeia ou a população indígena.

Quanto ao papel da cerâmica no processo de análise, Anderson (1984) escreve que:

> A cerâmica desempenha um papel essencial na interpretação dos sítios. Por conseguinte, é da maior importância quando é relacionada ao seu local de descoberta ou de outros artefatos que foram encontrados com ele, e não separado de seu contexto ou visto apenas como um objeto de curiosidade (ANDERSON, 1984, p. 15, tradução nossa).

Algumas formas de análise de material cerâmico já foram desenvolvidas, todavia, será exposto aqui o método desenvolvido por Robrahn (1991) e adaptado por Faccio (1992), com as adaptações julgadas necessárias ao estudo da cerâmica do Sítio Turvo. Esse método prioriza o enfoque de cadeia operatória e é bastante utilizado nas pesquisas referentes aos grupos ceramistas.

> Trata-se de tomar o artefato enquanto objeto de análise, uma vez que, como todo comportamento cultural, a produção cerâmica é estruturada em padrões e sequências, que não podem ser obtidas por dados isolados (sejam os fragmentos cerâmicos, sejam os atributos classificatórios), mas sim pela maneira como as informações se estruturam entre si, ou se padronizam numa forma de vasilha [...] (FACCIO, 1992, p. 81).

Numa breve conclusão, pode-se entender que para chegarmos a qualquer explicação e/ou elucidação acerca do passado, deve-se olhar os fatos, sejam eles materiais ou não, como um todo, haja vista que todas as informações estiveram no passado. Ainda sobre esse método de análise, Faccio (1992) escreve que:

> O encaminhamento proposto é agrupar os fragmentos provenientes de um mesmo vaso através de análises de sua distribuição na área do sítio, dos planos de fratura e dos diferentes atributos tecnológicos e estilísticos (características da pasta, decoração, forma e dimensão). Obtêm-se, com isto, diferentes conjuntos de fragmentos do mesmo vaso, que passam a constituir o objeto inicial de análise (FACCIO, 1992, p. 85).

Desse modo, serão apresentadas a seguir as categorias de atributos analisados e utilizados nessa pesquisa.

A primeira categoria analisada foi o tipo de fragmento. Os fragmentos podem ser classificados em parede, borda, base, parede angular, suporte para tampa, borda com furo de suspensão, polidor de sulco, dentre outros.

A próxima categoria tratou do tipo de antiplástico usado na pasta. Vê-se que a utilização de uma argila adequada foi indispensável no fabrico da cerâmica. A escolha do tempero usado na argila deve considerar, segundo Maranca (1985), vários fatores, dentre eles, a resistência que se quer dar ao vaso após o cozimento, o acabamento da superfície etc.

Há também a categoria referente ao grau de queima. Essa categoria avaliou o grau da queima predominante na peça, sendo possível encontrar mais de uma, tendo em vista que são possíveis até seis variações. Essa possibilidade de haver diferentes tipos de queima num mesmo fragmento, está ligada ao fato da mesma ter ocorrido a céu aberto.

Outro critério avalia o tratamento da superfície interna e externa do fragmento e, a seguir, temos o critério que trata da decoração das peças. É interessante nessa última categoria o fato dos diferentes tipos de tratamento de superfície, inclusive a decoração, indicar a funcionalidade do artefato e o produto a ser preparado e armazenado em seus recipientes.

Na categoria que tratou do estado de conservação do artefato, foi observada as possíveis marcas de desgaste na superfície, bem como ação da água, de queimadas recentes etc. Ainda sob análise, procuramos no artefato a possibilidade de tratamento de superfície, decoração e reconstituição da forma do vaso.

Outras categorias de análise foram consideradas, como por exemplo, a medição do maior antiplástico encontrado no fragmento, a medição da espessura do fragmento, a análise da forma e funcionalidade do pote por meio da análise do diâmetro da boca, a altura do vaso e a largura da garganta.

Todas essas categorias são importantes, pois juntas nos permitem analisar a cadeia operatória do vaso cerâmico, que tem início no momento em que a oleira procura próximo ao leito de um rio a matéria-prima para a confecção de uma vasilha para uso específico, até o momento de seu descarte, quando a vasilha já se quebrou.

Também foram coletados 37 líticos lascados durante as prospecções no Sítio Arqueológico Turvo.

A palavra “lítico” se origina do latim *litus* e significa pedra. Dessa forma, os materiais líticos são objetos diversos confeccionados pelo homem a partir de rochas e minerais coletados da natureza. A matéria-prima pode ser encontrada de várias maneiras: afloramentos rochosos, seixos, blocos etc.

Segundo Garcia (2010):

> [...] a partir do momento que o homem passa a apropriar-se de tais formas rochosas, de acordo com Laming-Emperaire (1967), denominam-se estes produtos como massas iniciais, as quais desempenham o papel de matéria prima para a confecção artefatual (Garcia, 2010, p. 45).

Trabalha-se também com o conceito de cadeia operatória no fabrico dos utensílios líticos. Fogaça (2001) define que “o conceito de cadeia operatória maquinal é [...] central para a compreensão do trabalho da pedra lascada” (FOGAÇA, 2001, p. 108).

Os artefatos são feitos a partir do encontro do gesto com o utensílio, onde o lascamento é feito por meio de aplicações de cadeias operatórias maquinais que estimulam o senso crítico do indivíduo a avaliar cada fase cumprida ou a realizar.

É visto que a técnica necessária para o lascamento de rochas duras é apreendido de acordo com um objetivo pré-estabelecido. O gesto técnico em si também é apreendido a partir de sequências tradicionais que dão características aos métodos de lascamento, variáveis no tempo e no espaço.

Fogaça (2001) relata que:

> Cada método de lascamento é resultado de experiências coletivas, tornado rotineiro pela tradição de um grupo como resposta a necessidades sociais: aprendemos a lascar para fazer pontas de flechas, pois com flechas poderemos caçar os animais que estamos acostumados a comer... (FOGAÇA, 2001, p. 109).

Desse modo, a cadeia operatória lítica se inicia no momento em que o indivíduo escolhe sua matéria-prima, tendo em mente o que será

fabricado. Depois, de forma resumida, seguindo as técnicas de lascamento, confecciona o utensílio e passa para a utilização da peça que pode ser ou não reciclada antes do descarte.

Já pensando no momento da análise do material encontrado em algum sítio arqueológico, para melhor compreensão, é preciso nos aproximarmos dos termos classificatórios dos artefatos. Serão destacados aqui apenas alguns termos, focando principalmente aqueles identificados no Sítio Turvo.

Os seixos "são fragmentos há muito tempo destacados da rocha mãe, com formas arredondadas e de superfície constituída por um córtex de espessura variável" (LAMING-EMPERAIRE, 1967, p. 26). No que diz respeito ao material evidenciado no Sítio Turvo, foram encontrados apenas *seixos fragmentados*.

A lasca é um "fragmento destacado, por percussão, de um bloco de rocha ou de um seixo etc. Quando a lasca é de grande tamanho, ela também pode ser utilizada como massa inicial, do mesmo modo que qualquer bloco de rocha" (LAMING-EMPERAIRE, 1967, p. 27). De acordo com a técnica utilizada, as lascas podem ser bipolares, unipolares ou térmicas. No contexto do Sítio Turvo foram encontradas lascas e fragmentos de lascas.

O núcleo é a matéria-prima de onde são tiradas uma ou mais lascas. O núcleo pode significar o fim ou o meio do trabalho feito por meio de uma debitagem, além disso pode ser classificado em núcleo bipolar ou unipolar.

As estilhas são subprodutos do lascamento, "o conjunto de lascas, nos quais não se observa, nem trabalho secundário, nem utilização e que foram abandonados após a fabricação de um objeto" (LAMING-EMPERAIRE, 1967, p. 41).

Há também os utensílios líticos, como os *percutores,* que são utensílios utilizados como martelo na debitagem de um núcleo ou no retoque de lascas. Utensílios com microlascamentos são utilizados para cortar ou serrar, entretanto, essa é uma característica generalizada, pois nenhum objeto era esteticamente idêntico a outro, ou seja, quando o indivíduo ia fabricar um instrumento, ele se concentrava na função deste e não na estética em si. Os *raspadores* são utensílios utilizados para raspar ou aplainar superfícies.

Desse modo, podemos concluir que métodos bem elaborados e bem aplicados, somados a uma boa pesquisa bibliográfica, resultarão em bons resultados contribuindo assim para as inferências acerca do passado cultural.

3. RESULTADOS

Perante a análise técnica em laboratório, no que se trata dos fragmentos de cerâmica, foram identificadas as classes parede, borda, base, parede angular e suporte para tampa, totalizando 1.338 fragmentos, sendo que desses, quatro não puderam ser identificados (Gráfico 1).

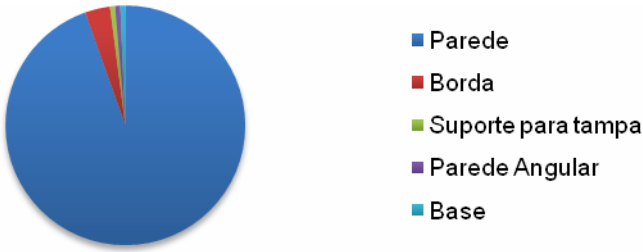


Gráfico 1: Classes Cerâmicas evidenciadas no Sítio Arqueológico Turvo/SP.

Sendo assim, com base nas análises feitas recentemente no material cerâmico evidenciado no Sítio Arqueológico Turvo e também na bibliografia estudada, foi visto que as características identificadas nos fragmentos condizem com as características já descritas por outros autores (cerâmica desprovida de muita decoração, formatos não tão arredondados etc), reforçando assim o fato de que essa ocupação pertence a Tradição Aratu.

Quanto aos líticos, foram identificados cinco fragmentos de estilha, 16 fragmentos de lasca, quatro lascas, seis lascas fragmentadas, apenas um núcleo e cinco seixos fragmentados, totalizando assim 37 fragmentos (Gráfico 2).

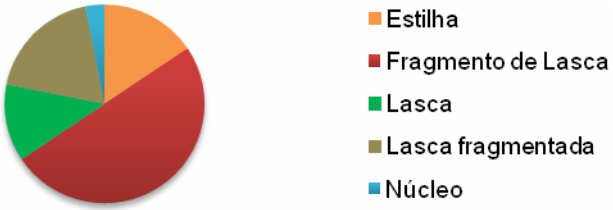


Gráfico 2: Classes de líticos evidenciados no Sítio Turvo/SP.

4. CONCLUSÕES E DISCUSSÕES

O Sítio Arqueológico Turvo está localizado numa área de monocultura, por isso, é um sítio bastante danificado, por conta da ação das máquinas agrícolas (subsolador, arado etc). Por esse motivo, os materiais arqueológicos encontram-se fragmentados.

A probabilidade de existirem mais sítios da Tradição Aratu na região é grande, tendo em vista que o Sítio Arqueológico Turvo é apenas um sítio dos cinco que formam ali um complexo de sítios arqueológicos.

Em laboratório, os materiais arqueológicos foram lavados, de modo cuidadoso para não danificar seus aspectos originais e depois, já secos, foram numerados. Trabalhamos com 1.338 fragmentos cerâmicos e 37 líticos.

A cerâmica apresentou características bem diferentes da cerâmica encontrada no oeste do Estado de São Paulo. O material cerâmico proveniente do Sítio Turvo não possui decoração de um modo geral. As bordas analisadas são diretas ou extrovertidas, com lábios arredondados. O antiplástico mais utilizado foi o mineral (Fotos de 1 a 3).

Foto 1: Parede com furo. Sítio Turvo/SP.

Foto 2: Parede angular. Sítio Turvo/SP.

Foto 3: Fragmento de parede sem decoração. Sítio Turvo/SP.

Utilizando os fragmentos de borda com tamanhos adequados, foi possível fazer a reconstituição gráfica de 13 vasos cerâmicos, reconstituindo assim sua forma e volume.

O material lítico também passou pela etapa de limpeza e numeração. No entanto, foi feita uma análise simplificada dos líticos lascados, tendo em vista que o foco desse projeto está na variabilidade cerâmica. Desse modo, classificamos os líticos lascados e identificamos a matéria-prima utilizada. Verificamos a presença de estilhas, lascas e núcleo.

Embora tenha sido feita apenas uma análise simplificada com o material lítico coletado na área, pode-se chegar a algumas conclusões acerca das etapas da cadeia operatória de produção, por exemplo, a matéria-prima mais utilizada, foi o arenito silisificado, em formas de seixos e fragmentos de lasca, seguido de ocorrências de calcedônia, quartzo e sílex. Essa predominância na utilização do arenito silisifcado se deu provavelmente por ser adequada para o fabrico dos artefatos e, também, por ser abundante na região.

Entretanto, por termos estudado uma quantidade pequena de peças da indústria lítica, não foi possível fazer muitas inferências acerca de sua confecção ou articular semelhanças sobre as características no fabrico das peças.

No intuito de alcançarmos os resultados, ora apresentados, buscamos fontes bibliográficas. Comparando os resultados da pesquisa com o conteúdo das bibliografias, concluímos que a área do Sítio Arqueológico Turvo, localizada no norte do Estado de São Paulo foi ocupada por índios, que confeccionavam a cerâmica, da denominada Tradição Arqueológica Aratu.

A Tradição Aratu foi descoberta no Recôncavo Baiano, estendendo-se desde o Maranhão, Mato Grosso até o norte do Estado de São Paulo.

À medida que a Tradição Aratu foi se espalhando pelo país, foi obtendo contato com outras tradições, como a Tupiguarani e a Tradição Uru. A Tradição Uru é bastante confundida com a Aratu por causa das semelhanças que existem entre as duas. É importante dizer também, que conforme esses contatos foram acontecendo, muitos aspectos das tribos periféricas foram se diferenciando das tribos localizadas no eixo central da tradição, por exemplo, a forma dos vasos, o antiplástico utilizado etc.

Na área do Sítio Arqueológico Turvo, notamos a presença de elementos da Tradição Tupiguarani na cerâmica da Tradição Aratu, quando

evidenciamos paredes angulares, que são por si só indicação da Tradição Tupiguarani.

A descoberta da Tradição Aratu na região do Rio Turvo é muito importante, pois contribui para a história local, haja vista que a comunidade desconhece a verdadeira história dos índios da região.

Ainda hoje, o que se aprende sobre cultura indígena é de forma genérica, não é falado qual grupo indígena ocupou a área, por exemplo. É como se todos os índios fossem iguais em termos culturais ou tipo físico.

Além do caráter científico, uma das principais iniciativas desse projeto, bem como de outros também realizados pelo Laboratório de Arqueologia Guarani – LAG da FCT/UNESP de Presidente Prudente/SP é o trabalho de Educação Patrimonial nas escolas públicas e a divulgação dos resultados das pesquisas realizadas pelo grupo em congressos e/ou outros eventos relacionados.

Para os alunos do Município de Cardoso/SP, bem como para os alunos das cidades vizinhas, é interessante e importante saber o que aconteceu com os índios daquela região. Esse tipo de informação traz aos cidadãos, no mínimo, um sentimento de regionalismo e pertencimento, onde ele se identifica com o local onde nasceu e vive, passando essa identidade de pai para filho, geração após geração.

5. REFERÊNCIAS

ANDERSON, A. **Interpreting Pottery**. Pica Press New York. P. 15, 1984.

CALDERÓN, V. **Notícia Preliminar Sobre as Sequências Arqueológicas do Médio São Francisco e da Chapada Diamantina, Estado da Bahia**. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA, Resultados preliminares do primeiro ano de pesquisas 1965/1966, Publicações Avulsas. Belém, 1967.

CARVALHO, F. L. A Pré-História Sergipana II. In: **A Pré-História Sergipana**. Universidade Federal de Sergipe, 2003.

CHMYZ, I. **Dados Parciais Sobre a Arqueologia do Vale do Rio Paranapanema**. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA. Resultados Preliminares do primeiro ano de pesquisas 1965/1966, Publicações avulsas. Belém, 1967.

DIAS, O. F. O paleo-índio em Minas Gerais. In: **Paleo-índio**. Anuário de Divulgação Científica. Goiânia, 1980.

DIAS JÚNIOR, O. F. **Breves Notas a Respeito das Pesquisas no sul de Minas Gerais**. PRONAPA, Resultados Preliminares do quarto ano de pesquisas, 1968/1969, Publicações Avulsas. Belém, 1971.

FACCIO, Neide B. Estudo **do Sítio Arqueológico Alvim no Contexto do Projeto Paranapanema**. Dissertação de mestrado. São Paulo, 1992.

FARIAS, M. S.D.S.E.; GASPAR, M.D.; DE BLASIS, P. Ações educativas no projeto arqueológico do Camacho: 1999-2000. In: **Revista de Arqueologia do IPHAN**, Santa Cruz do Sul, v.2, 2005, p.55-62.

FAVARELLI, F. Z. **A Arqueologia no Estado de São Paulo: Sítio Turvo.** Relatório Final de Iniciação Científica, CNPq, 2010.

FERNANDES, S. C. G. **Estudo Tecnotipológico da Cultura Material das Populações Pré-Históricas do Vale do Rio Turvo, Monte Alto, São Paulo e a Tradição Aratu-Sapucaí**. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. **Contribuição para o Estudo da Tradição Aratu-Sapucaí**. Estudo de caso: O Sítio Arqueológico de Água Limpa, Monte Alto – São Paulo. 2001.

FOGAÇA, E. **Mãos para o pensamento**: A variabilidade tecnológica de indústrias líticas de caçadores-coletores holocênicos a partir de um estudo de caso: as camadas VIII e VII da Lapa do Boquete (Minas Gerais, Brasil – 12.000/10.500 B.P). 452 f. Tese PUC-RS, Porto Alegre, 2001.

GARCIA, A. M. **As cadeias operatórias de uma indústria tecnológica lítica**: Sítio Arqueológico PT-02 (Cerrito da Sotéia), Pelotas/RS, 2010.

HORTA, M. L. P. **Educação Patrimonial**. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/ep/tetxt1.htm>. Acesso em: 25/03/2010.

LA SALVIA, F.; BROCHADO, J. P. **Cerâmica Guarani**. 1989.

LEROI-GOURHAN. **O Gesto e a Palavra**, 1960.

KAYAPÓ. Apresenta conteúdo sobre os índios Kayapó no Brasil. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kayapo>. Acesso em: 20/09/2010.

MAUSS, M. **Manual de Etnografia**, 1972.

MARANCA, S. Dados **Preliminares para Uma Classificação do Material Cerâmico Pré-histórico**. Revista do Museu Paulista (Nova Série) v. 30, p. 235-250, 1985.

MARTIN, G. **"Pré-história do Nordeste do Brasil"**. 3ª edição. Editora Universitária/UFPE. Recife, 1999.

MAYBURY-LEWIS, D. (Ed). **Dialectical Societies – The Gê and Bororo of Central Brazil**. Cambridge: London: Harvard University Press, p. 340, 1979.

MORAIS, J. L. Arqueologia da região Sudeste. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, n.4, p.194-217, dez/jan/fev. 1999-2000.

MORALES, W. F. O Contexto Arqueológico relacionado à Tradição Aratu. In: **Brasil central: 12.000 anos de ocupação humano no médio curso do Rio Tocantins, TO**. Editora Annablume. São Paulo, 2008.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL. Apresenta conteúdo sobre Educação Patrimonial. Disponível em:<http://educacaopatrimonial.wordpress.com/about/>. Acesso em: 25/03/2010.

HARTMANN, A. Pela preservação do patrimônio arqueológico: uma parceria e muito trabalho. In: **Revista de Arqueologia do IPHAN**, Santa Cruz do Sul, v.2, 2005, p. 9-17.

NIMUENDEJÚ, C. The Serente. **Los Angeles**: The Southwest Museum, 1942, p. 106. (Publications of the Frederick Webb Hodge Anniversary Publication Fund, vol IV)

_____. Trecho do **Mapa Etno-Histórico**. Escala 1:5.000.000. IBGE, 1981.

OLIVEIRA, E. R. **Aspectos da Interação Cultural entre os Grupos Ceramistas Pré-coloniais do Médio Curso do Rio Tocantins**. Dissertação de mestrado, p. 23 e 24. São Paulo, 2005.

PEROTA, C. Dados Parciais Sobre a Arqueologia Norte Espírito-Santense. In: **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas**. Vol. 4. Belém do Pará, 1968 – 1969.

_____. Resultados Preliminares Sobre a Arqueologia da Região Central do Estado do Espírito Santo. In: **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas**. Vol. 5. Belém do Pará, 1969 – 1970.

ROBRAHN-GONZALEZ, E. M. **Os Grupos Ceramistas Pré-Coloniais do Brasil Central**: origens e desenvolvimento. 232 f. Tese de Doutorado. São Paulo, 1996a.

_____. **Continuidade e Mudança: Para uma Interpretação dos Grupos Ceramistas Pré-coloniais da Bacia do Rio Vermelho, Mato Grosso**. 3 v. Tese de Doutorado. São Paulo, 1990.

SCHIMITZ, P. I.; WÜST, I.; COPÉ, S. M. & THIES, U. M. E. **Arqueologia do Centro-Sul de Goiás. Uma Fronteira de Horticultores Indígenas no Centro do Brasil.** Pesquisas (Antropologia). São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas. N. 33, 1982.

TURNER, T. S. Kinship, household and community structure among Kayapó. In:
MARYBURY-LEWIS, D. (Ed.) **Dialectical Societies – The Gê and Bororo of Central Brazil**. Cambridge: London: Harvard University Press, p. 179-217, 1979a.

WÜST, I. **Aspectos da Ocupação Pré-colonial em uma área do Mato Grosso e Goiás**: tentativa de análise Espacial, 327 f, 21 anexos. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 1983.

_____. The Gê and Bororo Societies as dialectical systems: a general model. In: MARYBURY-LEWIS, D. (Ed.) **Dialectical Societies – The Gê and Bororo of Central Brazil.** Cambridge: London: Harvard University Press, p. 147-178, 1979b.

WÜST, I; CARVALHO, H. B. **Novas Perspectivas Para o Estudo dos Ceramistas Pré-Coloniais do Centro-Oeste Brasileiro**: a análise espacial do Sítio Guará 1 (GO-NI-100), Goiás. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo: Universidade de São Paulo, n. 6, p. 47-81, 1996.